

QUANDO AS CRIANÇAS BRINCAM NAS FÉRIAS, O QUE ELAS FAZEM E APRENDEM?

Evandro Salvador Alves de Oliveira¹.

RESUMO

Este texto busca apresentar e refletir sobre algumas questões do universo lúdico das crianças, sobretudo das brincadeiras que estas vivenciam nos momentos que estão de férias escolares. Mais específico, trazemos à tona como o brincar, fenômeno importante e articulado ao projeto Colônia de Férias do Sesc (Serviço Social do Comércio), emerge em contextos em que crianças e adultos estabelecem relações. Vale destacar que a Colônia de Férias do Sesc acontece há aproximadamente 20 anos no município de Rondonópolis, Mato Grosso. As crianças, bem como as culturas lúdicas que estas produzem, são as protagonistas deste texto, que tem como um de seus focos de análise as brincadeiras. Trata-se de um relato de experiência, embasado na teoria de Brougère (2002, 2010), principalmente por ter a socialização na infância e a cultura lúdica como instrumentos que desembocam, inevitavelmente, para reflexões que aqui proponho. É a partir de algumas observações realizadas no interior de uma Unidade do Sesc, ao longo dos anos, que obtenho como objeto de análise o campo da infância, tendo as crianças, os espaços que estas ocupam e o enredo que constroem para construir suas brincadeiras como cenário que enriquece o presente trabalho. As crianças, também quando inseridas em espaços favoráveis ao lazer, produzem e reproduzem suas culturas, constroem valores e significados em meio às referências simbólicas que circulam o tempo e o espaço que permeiam seu entorno. Verifica-se que o projeto do Sesc contribui, e muito, para construção do conhecimento na infância de modo lúdico e prazeroso, este que se processa a partir da relação com o outro.

Palavras-chave: Crianças. Cultura lúdica. Brincar. Colônia de Férias.

WHEN CHILDREN TOYS ON VACATION, WHAT THEY DO AND LEARN?

ABSTRACT

This paper aims to present and reflect on some of the issues playful universe of children, especially the games that they experience the moments that are school holidays. More specific, we bring to the fore as the play, an important and articulated the Summer Camp SESC (Social Service of Commerce) project phenomenon emerges in contexts in which children and adults establish relationships. Note that the Summer Camp SESC happens for about 20 years in the city of Rondonópolis, Mato Grosso. Children, as well as the playful crops they produce, are the protagonists of this text, which has as one of its foci analysis joking. This is an experience report, based on the theory Brougère (2002, 2010), mainly because socialization in childhood and playful culture as instruments that lead inevitably to reflections we bring here. It is the basis of observations made within a unit of SESC, over the years, we get as an object of analysis the field of childhood, having children, the spaces they occupy and the plot that build to build their play as scenario that enriches the present work. Children also favorable when inserted in leisure spaces, produce and reproduce their cultures, values and construct meanings amid symbolic references that circulate the time and space that permeate their surroundings. It appears that the project contributes SESC, and much to the construction of knowledge in childhood playful and pleasurable way, that this proceeds from the relationship with the other.

Keywords: Children. Play culture. Mock up. Summer Camp.

INTRODUÇÃO

Conforme a sociologia da infância apresenta, as crianças, atores que ganham cada vez mais espaço na sociedade contemporânea, pertencem a um campo tenso e fértil de discussões e reflexões. Problematizar, brincar e conversar com as crianças é o grande desafio aqui lançado. Quando brincam de maneira espontânea, além de desempenharem constantemente o exercício de fazer e refazer, são capazes de tornar o momento vivido extremamente prazeroso, como acontece, por exemplo, durante as brincadeiras que participam no projeto Colônia de Férias do Sesc.

Os estudiosos da infância, entre eles Qvortrup (2010), a compreende como uma categoria na estrutura social. Desse modo, dizemos que há cada vez mais o reconhecimento da criança enquanto sujeito pertencente a esta categoria, visto que, as relações estabelecidas com os adultos, na sociedade contemporânea tem se firmado com maior expressão. A partir das interações estabelecidas com as crianças é possível perceber como elas trazem à tona assuntos da atualidade, do mundo das tecnologias de informação e comunicação (TICs), internet, redes sociais, enfim, pois desde cedo elas se apropriam desses recursos, considerados pela sociedade de objetos do “universo adulto”, de modo a se apresentar, inclusive se posicionar no meio social, além de compartilhar ideias, questionar, opinar e, conseqüentemente, construir conhecimento.

A Sociologia da Infância, portanto, reconhece a criança como um sujeito ativo, dá voz a elas, estas que estão inseridas em um universo suscetível a grandes possibilidades e desafios. A infância, compreendida como construção histórica é reconhecida na perspectiva de sociólogos como Sarmento (2009), Prout (2010), Sirota (2001), Corsaro (2011), Qvortrup (2010) entre outros, estes que a abarca como uma construção social. A criança, ao compreender o meio social em que convive, finca os pés ao chão em um terreno constituído pelo mundo das brincadeiras, da imaginação, enfim, dos acontecimentos belos da infância, como o prodígio do brincar.

O brincar é uma dinâmica essencial do ser humano, como destaca Brougère (2002). As crianças transformam o espaço em que brincam e constantemente atribuem significados às suas brincadeiras. Brougère (2002) entende que brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, assim como outras, necessita de aprendizagem.

É pertinente trazer à discussão a relação existente entre o jogo e uma cultura preexistente. A relevância dessa questão se dá pelo fato de Brougère (2002) afirmar que há, por conseguinte, estruturas preexistentes que definem a atividade lúdica em geral e cada brincadeira de modo específico, além disso, a criança as apreende antes de utilizá-las em novos contextos, sozinha, em brincadeiras individuais ou com outras crianças.

As argumentações de Brougère (2002) são visíveis nas brincadeiras construídas nas Colônias de Férias, quando as crianças, nas relações que estabelecem com seus pares, materializam esse processo em suas produções culturais, estes que, conseqüentemente, afetam e transformam o contexto em que estão situadas, sobretudo suas brincadeiras.

Há uma necessidade de se romper com o mito de que o brincar das crianças surge do nada, a brincadeira não é algo natural. Brougère (2010) afirma que desde o seu nascimento a criança está inserida num contexto social e seus comportamentos, evidentemente, estão impregnados por essa imersão inevitável. O autor enfatiza que não existe na criança uma brincadeira natural. Assegura Brougère: “aprende-se a brincar” (2010, p. 104). Para ele, a brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto, de cultura, cuja brincadeira pressupõe aprendizagem social.

A CRIANÇA E A CULTURA LÚDICA CONTEMPORÂNEA

As crianças enriquecem e contagiam o espaço onde estão, encantam nossos olhos, nos fazem, por muitas vezes, voltarmos ao nosso tempo de infância. Elas nos fazem refletir sobre o que é e o que significa ser criança. Existe uma cultura que a criança constrói e participa. A socialização na infância, contudo, acontece quando essa cultura se processa, conseqüentemente, se constitui a partir da relação com o outro, pois é no brincar que é instaurada na vida da criança a cultura lúdica.

A cultura lúdica é definida por Brougère (2002) como um conjunto de regras e significações próprias do jogo, o que resulta na ação em que o jogador adquire e domina o seu contexto, isto é, o jogo consiste no lugar de emergência e enriquecimento da cultura lúdica. Para Brougère (2002), a cultura lúdica como toda cultura é um produto da interação social.

A brincadeira incide numa ferramenta importante da qual a criança, a partir dela, apropria-se de substâncias materiais e imateriais como Brougère destaca. A criança não brinca numa ilha deserta, mas, com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, com o que tem à mão e com o que tem na cabeça. Os brinquedos orientam a brincadeira, trazem-lhe a matéria (BROUGÈRE, 2010).

Ao discutir a brincadeira na infância, o autor afirma que “realmente, a criança não se limita a receber passivamente os conteúdos, mas reativa-os e se apropria deles através de suas brincadeiras, de maneira idêntica à apropriação dos papéis sociais e familiares nas brincadeiras de imitação” (BROUGÈRE, 2010, p. 58), como é o caso dos meninos e meninas que brincando num parquinho de areia, durante a Colônia de Férias, fazem bolo de terra, casinha, comidinha, assumem papéis de papai e mamãe, filho, entre outras situações do mundo adulto.

É possível fazer uma análise e perceber que a criança não é um ser que apenas absorve aquilo que lhe é imposto, ela é um ser pensante que possui suas opiniões, constrói conhecimento quando estabelece intervenções que configuram suas brincadeiras e modos de produzir sua própria cultura, e, por isso, tem que ser compreendida e respeitada como tal. Em se tratando da infância e da brincadeira, bem como da produção da cultura lúdica, Brougère (2002) pontua que a criança adquire, constrói sua cultura lúdica brincando. Já Kishimoto afirma que “quando brinca, a criança toma certa distância da vida cotidiana, entra no mundo imaginário” (2011, p. 27). É nesse mundo da imaginação que as crianças constroem suas artimanhas.

Na sociedade contemporânea em que convivemos, caracterizada pelo adulto que atravessa a temporalidade na infância, temos uma relação estimável entre a criança, o lazer e as maneiras que se comportam quando estão em contato com o brincar, construindo, assim, sua cultura lúdica.

É preciso analisar a brincadeira na infância com outros olhares, no sentido de compreender, também, como as crianças constroem valores a partir das relações com o brincar, como elas constituem suas identidades na cultura contemporânea. A criança, enquanto produtora de cultura necessita de olhares compreensivos. Portanto, ressalto o quanto é importante o aspecto do brincar, dos momentos lúdicos no desenvolvimento da cultura na infância.

Para Brougère (2002), é a partir das relações estabelecidas entre criança, brinquedo e meio social que ela constrói sua cultura lúdica. Para ele, a cultura lúdica, visto resultar de uma experiência lúdica, é então produzida pelo sujeito social a partir dessas relações e interações que envolvem indivíduos, ações e objetos materiais.

Ao se referir às culturas lúdicas, Brougère (2002) faz uma análise pertinente ao apontar que estas não são idênticas ao considerar países como o Japão e Estados Unidos, por exemplo. Segundo Brougère, elas se diversificam também conforme o meio social, a cidade e mais ainda o sexo da criança. O autor ressalta que é evidente que não se pode ter a mesma cultura lúdica aos 4 ou 12 anos, mas é interessante observar que a cultura lúdica das meninas e dos meninos é ainda hoje marcada por grandes diferenças, embora possam ter alguns elementos em comum.

Desse modo, a cultura lúdica das crianças é diversificada conforme o meio social no qual convivem, pois os ambientes interferem, as diferenças de gênero e as relações com as pessoas influenciam nessas diversificações, sobretudo às interações com brinquedos e jogos, inclusive com objetos eletrônicos.



Figura 1. As crianças na Colônia de Férias.
Fonte: Evandro Salvador Alves de Oliveira.

Considero importante salientar que nas Colônias de Férias dos últimos anos, aspectos da cultura midiática, de modo intenso, se fazem presentes nas interações entre as crianças. Este fato se torna evidente ao observar tal fenômeno, pois os utensílios que elas utilizam em seu dia a dia tem se tornados indispensáveis e muitas vezes, imprescindíveis. Elas se apropriam de objetos e, portanto, os valorizam muito, como celulares, *tabletes*, *smartphone*, entre outros dispositivos eletrônicos.

A seguir, de modo breve, será possível compreender como acontecem as interações lúdicas entre as crianças nos momentos em que brincam nas Colônias de Férias, em que o mediador, na condição de pesquisador/adulto, problematiza, brinca e propõe as atividades de lazer, visando o caráter educativo.

AS BRINCADEIRAS AO AR LIVRE: AS CRIANÇAS E O CONTATO COM O OUTRO



Figura 2. Colônia de Férias SESC Rondonópolis.
Fonte: Evandro Salvador Alves de Oliveira.

Na unidade operacional de Rondonópolis, o Sesc atua em diversos programas como: cultura, educação, assistência, saúde e lazer. Este último compreende duas atividades, o desenvolvimento físico e esportivo e a recreação. Dentre os diversos eventos que cada atividade realiza no decorrer do ano, é destacado, por meio do relato do responsável técnico da área, instrutor de recreação, o Projeto Colônia de Férias, como um dos eventos de maior relevância, até mesmo pelo fato de ser tradicional no município.

A Colônia de Férias acontece duas vezes ao ano, sempre em período de férias escolares, ou seja, em janeiro e julho. A faixa etária das crianças que participam do projeto corresponde entre 03 (três) a 12 (doze) anos. O mesmo ocorre durante uma semana, de segunda-feira a sexta-feira, visto que todas as crianças são matriculadas, portanto, há cobrança de taxa de inscrição. Os sujeitos são separados em turmas de modo que estes permanecem com as crianças da mesma idade. A cada edição deste evento o SESC atende cerca de 200 (duzentas) crianças.

O projeto iniciou-se em meados dos anos 90. Até o ano de 2011 as crianças permaneciam no Sesc em período integral. Desse modo, recebiam três refeições, sendo um lanche pela manhã, almoço e o lanche da tarde. A partir de 2012 o projeto foi adaptado para apenas um turno, o vespertino, conforme a preferência de seus responsáveis.

No desenvolvimento do projeto muitos colaboradores são envolvidos, como os monitores de recreação, imprescindíveis para a realização do evento. Ao todo cerca de 50 (cinquenta) pessoas participam na preparação e execução desta ação. Os monitores são escolhidos por meio de processo de seleção.

As crianças, desde então, durante cinco dias estabelecem contato com o outro, em muitas dimensões e contextos distintos. O fato das crianças explorarem espaços diversos, como a piscina, o campo de futebol, a quadra poliesportiva, salas de oficinas, parquinho, entre outros, vínculos são estabelecidos à medida que estas se relacionem com a diversidade existente entre pessoas de outras localidades, inclusive em outras posições geográficas mediadas pelo tempo e espaço.

Nesta relação alteritária, que não sobrevive sem o contato com o outro, as crianças constroem relações de amizade, entrando, assim, no jogo de perguntas e respostas, bem como mergulham com expressividade na arte dos movimentos corporais.



Figura 3. Recreação aquática Colônia de Férias.
Fonte: Evandro Salvador Alves de Oliveira.

Semanas antes da execução da colônia de férias os monitores que atuam no projeto são treinados pelo coordenador do evento (neste caso, eu). Nesse treinamento eles vivenciam as brincadeiras na teoria e prática, além de participar do processo de construção de algumas oficinas lúdicas. Outro ponto a ser destacado é a realização de um intercâmbio e trocas de experiências durante a vivência das atividades recreativas, a fim de preparar e construir um leque abrangente de brincadeiras para os diferentes espaços disponíveis no Sesc, em que as crianças posteriormente ocupam para brincar.



Figura 4. Caça ao tesouro Colônia de Férias.
Fonte: Evandro Salvador Alves de Oliveira.

Na Colônia de Férias utilizamos os espaços físicos da Unidade e os transformamos em estações recreativas. Algumas dessas estações podem aqui ser elencadas, como o campo de futebol, ginásio poliesportivo, parquinho de areia, piscina adulta e infantil, sala de dança, espaço da concha acústica, quiosques, deck de Sol e pátio da escola.

As crianças, acompanhadas dos monitores, percorrem as estações recreativas de modo a vivenciar as brincadeiras que foram preparadas para cada uma dessas estações. Cada grupo permanece uma hora em cada local preparado, e todos os grupos fazem o rodízio no mesmo horário, ou seja, de hora em hora elas mudam de espaço (estação recreativa).

Dentre as atividades que as crianças participam, desenvolvidas pelos monitores de recreação, podemos destacar algumas: o futebol de sabão, caça ao tesouro, teatro de fantoches, oficinas de brinquedos com materiais recicláveis, oficina de dança, oficina de balão em escultura, brincadeiras ao ar livre, banhos de piscina, jogos de salão (xadrez, dominó, bozó, dama, ping pong), recreação esportiva, atividades aquáticas (ponte do rio que cai, corrida com boia, jô quei pô, corrida com remo), entre outros jogos e inúmeras brincadeiras.



Figura 5. Colônia de Férias (futebol de sabão)
Fonte: Evandro Salvador Alves de Oliveira.

Ao brincar as crianças participam do processo de construção das regras do jogo, elas modificam e transformam o contexto das brincadeiras. Na Colônia de Férias a criança tem voz. Nós, monitores e educadores, a ouvimos, portanto, respeitamos. Existe uma relação dialógica e alteritária durante essa semana de atividades recreativas que é estabelecida com as crianças. Esses sujeitos participam da construção do enredo que envolve os momentos de lazer ao qual participa, este que, efetivamente, permite sinalizar sua existência.

UM POUCO DO QUE AS CRIANÇAS FAZEM E APRENDEM NAS COLÔNIAS DE FÉRIAS

A cada edição da Colônia de Férias é possível perceber a participação das crianças como fenômeno que se processa por diversos motivos. É cabível dizer que temos as crianças que frequentam a Unidade durante um longo período da infância, comprovado pelo fato das matrículas que seus responsáveis realizam, garantindo, assim, a participação em muitas edições seguidas que acontecem nas atividades do projeto recreativo do SESC. Contudo, temos aquelas crianças que, a cada ano, deixam suas marcas na colônia de férias e, pela cronologia do tempo, ultrapassam a idade permitida para garantir a participação no evento.

As crianças menores, de 3 (três) a 6 (seis) anos, participam de atividades cantadas, oficina de pintura e de brinquedos com materiais de reciclagem, jogos lúdico-pedagógicos, brincadeiras ritmadas, entre outras. Já os meninos e meninas maiores, de 7 (sete) a 12 (doze) anos, realizam competições por meio de estafetas, gincanas entre equipes, jogos cooperativos, oficina de dança, enfim, muitas brincadeiras de complexidade um pouco maior.

Muitas edições da Colônia de Férias já aconteceram de forma temática, de modo a propiciar a vivência das crianças com temas mais específicos e atrativos, quais sejam: o circo, ocasião em que os meninos e meninas aprenderam a confeccionar malabares, bastão chinês, pintura facial, mágicas e outras atividades. Além disso, algumas oficinas lúdico-pedagógicas também ocorreram com a contratação de oficinairos especializados.

O meio ambiente foi tema de outra realização do projeto. As crianças aprenderam a produzir compostagem orgânica, biodiesel, plantação de sementes de feijão e pimenta. Além disso, fizeram um passeio no horto florestal com o acompanhamento de uma bióloga e tiveram palestras ao ar livre.

O carnaval e algumas regiões do Brasil (sul, sudeste, nordeste, por exemplo) também foram temas de outras edições das colônias de férias. As crianças participam do processo de construção de algumas brincadeiras e jogos durante as relações que estas estabelecem com os instrutores/monitores nos espaços destinados a recreação.

No projeto ao qual me refiro ao longo do texto, Colônia de Férias, o lazer (bem como o lúdico) é tido como um campo fértil, promissor e infinito a possibilidades de criações. O objetivo do projeto é proporcionar às crianças momentos de entretenimento e descontração; oferecer possibilidades para o brincar, visando o caráter educativo; proporcionar momentos de socialização entre as crianças; proporcionar ações que contribuam para as crianças (re)produzir suas culturas lúdicas.

CONSIDERAÇÕES

Para finalizar as reflexões apresentadas, até então, destaco a importância do brincar, dos momentos de lazer, bem como a presença do outro nesse processo constitutivo que nos interpela. Quando as crianças brincam se distanciam do mundo real. O adulto necessita estar mais presente na vida desses sujeitos quando o assunto é a brincadeira na infância, pois, muitas vezes, o tempo que atravessa o cotidiano do adulto é tão avassalador e veloz que nos impede de ver riqueza nas experiências mais primordiais da vida humana, como é o caso do brincar.

Acredito que, possivelmente, a Colônia de Férias é uma ação que aproxima as crianças umas das outras, pois o contato físico se efetiva e está posto durante as brincadeiras, portanto, essa relação se estabelece à medida que há o contato com o outro. A criança aprende enquanto brinca. Ela alimenta a brincadeira com as possibilidades e riquezas da imaginação.

A Colônia de Férias é um acontecimento que abre janelas para que as crianças vão além da imaginação. Ao dialogar com as crianças sobre as brincadeiras que elas gostariam de realizar no projeto citado, observamos a prosperidade existente na relação de alteridade que é constituída entre nós. As crianças, de fato, participam deste processo de criação e planejamento das atividades, pois a cada ano é realizado uma roda de conversa com elas em que o discurso desses sujeitos é levado em consideração.

O lazer, ao ser evidenciado como objeto de estudo, nos conduz e impulsiona a provocar reflexões. Ele ocupa um lugar muito considerável numa estrutura sustentada por pilares. A brincadeira na infância representa uma dessas estruturas, assumida como crucial, desse fenômeno que compreende as culturas lúdicas que as crianças produzem na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

CORSARO, W.A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T.M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleções questões da nossa época; v. 20).

KISHIMOTO, T.M. O Jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T.M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

PROUT, A. Reconsiderando a nova sociologia da infância. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 729-750, set./dez. 2010.

QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, maio/ago. 2010.

SARMENTO, M.; GOUVEA, M.C.S.(orgs.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Caderno de Pesquisa**, n. 112, p. 7-31, março/2001.

¹ Sesc Rondonópolis.
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT *Campus* Rondonópolis.
Universidade do Minho – Portugal.

Rua K, Quadra 197, s/nº
Sagrada Família
Rondonópolis/MT
78700-000